

A VOZ

Tatiana de Freitas Massuno

Estavam todos lá. Aquela voz miúda, quase não perceptível, que se movia por entre ouvidos surdos de sua presença, fazia-se ouvir agora nas palavras que lia. Palavras últimas antes do desaparecimento total da voz quase inaudita. Fizera, então, questão de listar todos. Um por um. Nenhum fora excluído, negligenciado. Estavam todos lá, menos a voz, a voz sua que se arrastava por entre obstáculos de sons imensos tentando ganhar espaço, mas não! Não conseguia. Encurralada entre dois sons pujantes, o que poderia fazer aquela voz? ou se é que se podia chamar de voz? Afinal, seria algo mais que um som esmaecido? Um som que se alongava até o extremo, num esforço tamanho de se esticar e chegar aos ouvidos, ser ouvida, talvez. Mas não! Ao ler a mensagem que lhe coubera tentava ainda recordar o som de sua voz, tentava ainda, por um esforço da memória, redesenhar seu rosto. Nada veio. Nem mesmo a cor de seus olhos. Talvez fossem de uma cor indescritível, um limite entre duas cores que se tocam e fica-se assim sem saber ao certo qual era. Amarelo-esverdeado ou verde-amarelado, mas ainda não era isso. Eram duas cores juntas, militalmente juntas e por isso uma só. Dois olhos de uma só cor. Mas a cor... esta lhe escapava.

Aquelas palavras... sim, estava ali! Estava ali desenhada. Completamente. Nos sons das palavras, nas vírgulas que pediam fôlego quando o pensamento parecia arisco demais, vírgulas que evitavam o pensamento sair solto por aí, desenfreado. Todas as palavras eram ela. Mesmo lendo em voz alta, ainda estava ali. Nos atropelos das consoantes, nos atritos causados na língua, no som que se espremia por entre os lábios... sim, estava ali! Tentava ainda imaginar como seriam as palavras lidas por sua voz. Seriam mais agudas ou mais graves? Seriam? As palavras?

Agora se lia completamente através da voz daquele que nem voz sabia que tinha. Foram os anos se acumulando e da voz nada recordava. Não se lembrava de seus olhos ou dos cabelos, ele era somente isto: as palavras que agora a liam, ou lia ela as palavras através disto que era? As palavras que ganhavam mais força cada vez que seus olhos as encontravam. Seus olhos não sabiam encontrar nada além daqueles rabiscos no papel. Linhas que subiam e desciam, às vezes mais apressadas, às vezes com mais cuidado, às vezes pareciam ter tanta força que o próprio papel cedia em rasuras. Através das rasuras as linhas continuavam, mais retas e mais arredondadas, às vezes em sobressaltos ultrapassavam o papel, continuando além dele, apesar dele. Suas linhas desenhando seu rosto, suas cesuras, entradas em anos.

Deixara o papel por um instante. As palavras ainda a fitavam, estavam ainda lá. Virou o rosto, tentando evitar os traços no papel, evitando lágrimas que pareciam querer pular dos olhos, evitava ainda aquilo preso na garganta. Queria gritar? Qualquer movimento em falso e a explosão se daria, não conseguiria mais controlar os membros, a expressão de seu rosto, algo aconteceria e, sim, estaria perdida. Seriam horas sem mais conseguir controlar aquele choro que se anunciava ao longe. Palavras gravadas em sua memória, sabia-as de cor, sabia seus ritmos, suas pausas, sabia seguir uma a outra, uma anunciando a que viria, depois a outra e outra, até a interrupção final do ponto. Chegar ao ponto seria ceder lugar ao descontrole.

Respirava profundamente observando as pessoas que passavam. Uma menina ali. Um cachorro que latia. Ao fundo, buzinas de carros. Mas nada, nada apagava as palavras que agora cravavam em seu cérebro suas cadências. O pequeno cachorro atrás do seu rabo, continuamente a buscar algo que não podia morder. E se conseguisse? Aguentaria a dor de ter seus próprios dentes penetrando sua carne? Continuaría a morder aquela parte de seu corpo até que o sangue jorrasse e as mandíbulas cedessem? O cachorro continuava em sua busca intermitente. Buscava aquilo que não podia alcançar. Buscava uma dor suprema que somente ele mesmo poderia infringir. Imaginava ainda que estivesse o pequeno cão rodeado de mais outros. De várias cores e tamanhos, círculos e círculos que se rodeavam em velocidades díspares, uns mais acelerados, outros, mais preguiçosos. Talvez perseguir o

rabo não fosse a sua intenção, afinal, mas já que estava ali, no meio dos outros, não havia nada mais a fazer. Cem cachorros e cadelas, pequenos e grandes, filhotes ou não, cada qual a perseguir seu próprio rabo. Perseguir o próprio rabo, único intuito. Circular, circular até que sem ar, parassem todos. O ar continuaria ainda seu movimento, círculos concêntricos a se dissipar, continuamente. Mas o ar de repente estancaria. Sem sangue. Os cem cachorros parados em fileira, recuperando o fôlego e olhariam para o céu, de uma só vez. E como se recebessem um comando acima de si, uma voz que impusesse novamente a ordem, estariam todos lá a rodar, rodar, rodar... Olhara também para o céu, as mãos trêmulas. Nas mãos, apenas o papel amarelado: leitura interrompida. O papel ainda a fitava como se esperasse a coragem recuperada para terminar a leitura. Mais uma vez? Os olhos encontravam, novamente, os mesmos desenhos conhecidos, fazia quanto tempo? Já dez anos? Mas não conseguia evitar que fosse sugada por aquelas palavras. Quando, enfim, deparou-se novamente com o papel esmaecido, ouvira ao longe:

– Senhora!

Uma voz infantil, tão sem força que para ouvi-la quase teve de pedir que seus pensamentos parassem de uma vez. Ouvira, ao longe: “Senhora!” Era quase uma súplica, um sussurro adocicado, amaciado pela pouca idade, “Senhora!”, ouvira ainda aquele som umas três vezes antes que pudesse levantar sua cabeça e olhar para o menino. “Senhora!”, ao longe. Levantou os olhos e viu um menino ali parado em sua frente. Tomou fôlego, encheu os pulmões de ar, e disse:

– Obrigada!